

"Vai pra Cuba": enquadramentos temáticos e ativismo de extrema-direita da Vereadora Zoe Martinez em plataformas digitais¹

Rafael Alberico Chaves²

Resumo expandido Painel Temático

As transformações recentes na comunicação política estão profundamente associadas à ascensão das plataformas digitais como arenas de disputa simbólica, ideológica e afetiva. Em meio à crescente polarização política e a disseminação de discursos falsos que marcam o Brasil nos últimos anos, a figura do migrante, nesse universo, passou a ocupar novos lugares de visibilidade e poder discursivo. Conforme se observa em estudos como de Cogo, Camargo e Alencar (2023), o ativismo de migrantes em ambientes digitais, tradicionalmente associado a pautas progressistas e de direitos humanos, tem incorporado, nos últimos anos, expressões de caráter conservador e até extremista. São diversos os ativistas políticos, no Brasil e em vários países do mundo, que se aproveitam da capacidade de dissuasão das plataformas digitais para encampar diferentes tipos de pautas, como se observa no caso da vereadora Zoe Martinez, migrante cubana radicada no Brasil e atuante na política local sob uma agenda de extrema-direita.

O caso de Zoe é relevante por evidenciar uma inversão discursiva: a experiência migratória, que frequentemente simboliza deslocamento, vulnerabilidade e resistência, é aqui mobilizada como ferramenta de legitimação de um discurso anticomunista, religioso, liberal economicamente, moralizante e em alguns momentos, anti-imigração. Sua trajetória pessoal, marcada pela fuga do regime cubano, é convertida em um signo de autoridade política. Quando faz comentários como o que dá nome ao título deste trabalho, “Vai pra Cuba ou “não serei Cuba”, Zoe tenta construir um enquadramento simbólico que associa sua biografia ao destino político do Brasil, transformando o medo do comunismo em uma estratégia de mobilização afetiva e eleitoral.

A relevância deste estudo está na possibilidade de compreender como as plataformas

¹ Trabalho apresentado no Painel Temático Apropriação de tecnologias digitais em contextos diaspóricos do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Doutorando no Programa de Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, bolsista CAPES Prosup Integral. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Professor dos cursos de Comunicação da FECAP. E-mail: rafael.alberico@gmail.com

digitais participam da reconfiguração do ativismo político e da constituição de novos sujeitos de poder. O discurso de Zoe não é apenas produto da polarização, mas também expressão de um ambiente comunicacional moldado por algoritmos e lógicas de engajamento emocional (COULDRY, 2022; PAPACHARISSI, 2015). A análise de suas estratégias comunicacionais pode revelar como o ethos migrante é apropriado para sustentar narrativas de extrema-direita, ampliando o entendimento sobre o papel das Big Techs na crise das democracias contemporâneas.

O ativismo transnacional e o papel do migrante

O conceito de ativismo transnacional, conforme proposto por Tarrow (2010), descreve a atuação de indivíduos e grupos “enraizados em contextos nacionais específicos” que, simultaneamente, participam de redes políticas e simbólicas que atravessam fronteiras. Esses sujeitos, que Tarrow denomina “cosmopolitas enraizados”, movem-se entre identidades locais e globais, articulando causas que ultrapassam os limites do Estado-nação.

O migrante é, nesse contexto, um ator central. Suas práticas, que podem variar desde o envio de remessas e apoio a comunidades de origem, até a participação direta em campanhas políticas, exemplificam a natureza antagônica do ativismo transnacional. Como observa Portes (2004), a mobilidade, as redes de comunicação e o acesso às tecnologias digitais ampliaram a capacidade dos migrantes de intervir em múltiplos espaços políticos.

A vereadora Zoe Martinez se inscreve nesse fenômeno como uma figura híbrida: uma migrante que se enraíza no contexto político brasileiro a partir da participação em um famoso programa de rádio de uma emissora conservadora, no qual, como comentarista política, desferia duros comentários sobre políticos de esquerda, defendendo enfaticamente o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. A vereadora, desde o início da sua trajetória política, mantém a sua identidade discursiva fortemente vinculada a seu país de origem, Cuba. A sua narrativa autobiográfica em que ela diz, “fugi do comunismo, vim buscar liberdade”, não apenas conecta as realidades de Cuba e do Brasil, mas cria um elo emocional entre sua experiência pessoal e a suposta ameaça que o “comunismo” representaria à sociedade brasileira. O resultado é um ativismo de fronteira, em que a biografia migrante é transformada em ferramenta política e moral.

Apropriação das plataformas digitais pelo ativismo migrante

A popularização da internet e das redes sociais intensificou a dimensão transnacional

da ação política. Como observa Castells (2012), a era das “redes de indignação e esperança” inaugurou novas formas de organização coletiva, pautadas pela conectividade e pela comunicação horizontal. Contudo, autores como Poell, Nieborg e Van Dijck (2020) alertam que essa horizontalidade é apenas aparente: as plataformas digitais operam como infraestruturas de poder que reconfiguram o comportamento e a visibilidade dos atores sociais.

O conceito de plataformização descreve esse processo em que práticas culturais e políticas são moldadas pelas arquiteturas sociotécnicas das Big Techs e contribuem para redefini-las. As plataformas não são apenas ferramentas neutras, mas mediadoras ativas das interações e dos afetos (Couldry, 2022; Papacharissi, 2015). No caso de Zoe Martinez, o Instagram funciona como um palco de visibilidade e pertencimento. Suas postagens que combinam estética de influenciadora, discurso religioso e linguagem emocional exemplificam o que Papacharissi (2015) denomina de públicos afetivos: comunidades formadas não pela racionalidade do argumento, mas pela circulação de sentimentos compartilhados.

A performatividade política (Butler, 2015) desempenha aqui um papel essencial. A cada aparição, Zoe encena o trauma da migração, o medo do comunismo e a promessa de liberdade, construindo uma identidade política sustentada por repetição e emoção. A interação com seus seguidores é moldada pelo “mito de nós”, a ilusão de uma coletividade natural e coesa, quando, na verdade, se trata de um agrupamento mediado por algoritmos que privilegiam engajamento e polarização (COULDRY, 2022). Assim, a plataformização da política não apenas amplia a voz de determinados atores, mas redefine o próprio campo da ação coletiva, transformando o ativismo em performance, consumo e espetáculo (GERBAUDO, 2018).

Migrantes, polarização e o ativismo de Extrema-Direita

A literatura sobre ativismo migrante costuma concentrar-se em mobilizações democráticas, movimentos antirracistas e causas humanitárias. Entretanto, há um campo emergente de estudos que analisa o ativismo de migrantes alinhados a discursos de extrema-direita. Cogo, Camargo e Alencar (2023) destacam que o caso dos migrantes venezuelanos no Brasil exemplifica como narrativas sobre “liberdade” e “antissocialismo” são instrumentalizadas por influenciadores para apoiar projetos políticos autoritários.

Nas eleições de 2022, muitos migrantes venezuelanos produziram e compartilharam conteúdos que alertavam para o risco de “venezuelização do Brasil”, reforçando o imaginário

anticomunista e associando a esquerda política à miséria e à repressão. Essa dinâmica não é marginal, pois ela reflete a forma como o capitalismo de plataformas (Poell, Nieborg & Van Dijck, 2020) estimula a circulação de narrativas simplificadas e emocionalmente potentes, favorecendo a viralização de discursos polarizadores.

A atuação de Zoe Martinez segue uma lógica semelhante. Suas postagens estabelecem um paralelo entre Cuba e o Brasil, utilizando a própria condição migrante como prova viva dos “perigos do socialismo”. A retórica da experiência pessoal confere autenticidade e autoridade moral ao discurso político, transformando a biografia em capital simbólico. Esse enquadramento é reforçado por uma estratégia visual e emocional que conjuga fé, patriotismo e medo, componentes centrais dos grupos de extrema-direita digitais. O resultado é uma forma de ativismo de extrema-direita migrante, que se vale das mesmas infraestruturas comunicacionais utilizadas por movimentos progressistas, mas as coloca a serviço da produção de afetos excludentes e da legitimação de discursos autoritários.

Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, baseada na análise temática proposta por Braun e Clarke (2006). Essa metodologia permite identificar padrões de sentido em discursos e práticas comunicacionais, articulando dados empíricos e interpretação teórica. O corpus é composto por sete postagens da vereadora no Instagram, publicadas entre fevereiro e junho de 2025, incluindo legendas, vídeos e interações nos comentários. Essas publicações foram escolhidas pelo alto potencial de engajamento por parte dos seguidores.

A análise temática das publicações, realizada segundo Braun e Clarke (2006), identificou quatro eixos centrais: (1) vitimização política da direita e construção do inimigo institucional; (2) defesa seletiva da liberdade de expressão como símbolo moral; (3) controle discursivo e ataque às pautas identitárias; e (4) alinhamento ideológico transnacional baseado no conservadorismo cristão. Os resultados indicam que o discurso da vereadora mobiliza emoções e valores morais como estratégia de engajamento e consolidação de pertencimento político, estruturando uma narrativa polarizada de resistência e moralidade que ressoa com o público da extrema-direita digital brasileira.

Considerações Finais

O caso de Zoe Martinez permite observar como as fronteiras entre biografia e ideologia, ativismo e performance, política e mercado se diluem no ambiente plataformizado.

A experiência migrante é reconfigurada como narrativa de salvação moral, e o medo do comunismo, nesse caso, como força mobilizadora. O estudo reforça a necessidade de compreender as redes digitais não apenas como espaços de expressão, mas como tecnologias de governo que moldam afetos, identidades e pertencimentos na era da comunicação algorítmica.

Palavras-chave

Ativismo político; Plataformas digitais; Extrema-direita.

Referências bibliográficas

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BUTLER, Judith. *Notes Toward a Performative Theory of Assembly*. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

CASTELLS, Manuel. *Networks of Outrage and Hope: Social Movements in the Internet Age*. Cambridge: Polity Press, 2012.

CAMARGO, Julia; COGO, Denise; ALENCAR, Amanda. Venezuelan Refugees in Brazil: Communication Rights and Digital Inequalities During the Covid-19 Pandemic. *Media and Communication*, [S. l.], v. 10, n. 2, pp. 230-340, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17645/mac.v10i2.5051> . Acesso em: 05 out. 2025

COGO, Denise ; CAMARGO, Julia . Apresentação do trabalho O Brasil vai virar uma Venezuela: migração, mídias digitais e eleições brasileiras no *GT Geografias da Comunicação do 46 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2023*. 2023. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

COULDRY, Nick. *Myths of Media Power: Center to Big Data*. Cambridge: Polity Press, 2022.

GERBAUDO, Paolo. *The Digital Party: Political Organisation and Online Democracy*. London: Pluto Press, 2018.

PAPACHARISSI, Zizi. *Affective Publics: Sentiment, Technology, and Politics*. Oxford: Oxford University Press, 2015.



XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cáspér Líbero. De 11 a 13 de novembro de 2025.



POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. *The Platform Society: Public Values in a Connective World*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

PORTES, Alejandro. Convergencias teóricas y evidencias empíricas en el estudio del transnacionalismo de los inmigrantes. *Migración y Desarrollo*, n. 3, p. 2-21, 2004.

TARROW, Sidney. *The New Transnational Activism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.